

S. Paulo... 1903

Rangel:

Ainda com os dedos tropegos dum interminavel ponto de Direito de Falencias que acabo de copiar, venho responder à tua carta, que esteve encalhada no Minarete, do qual eu e Ricardo fugimos e está agora habitado só pelo Nogueira. Anda o Nogueira injetando vida e calor no corpo apalermado do Cenaculo, espantando o tédio mortal que nos ia consumindo. Vive a citar Voltaire e Max Nordau, todo ideias “caóticas e proteicas”, como ele mesmo as classifica. Ricardo batizou-o de “anacronismo ambulante”. Será, mas é antes de tudo um fole, um insuflador de vida. O depauperado Cenaculo reviveu, coisa que parecia impossivel. Todas as noites, no café Guarani, tres, quatro, cinco e ás vezes todos os cenaculoides nos reuniamos, e nos olhavamos sonolentos, chupando cigarros silenciosamente, sem que uma ideia viesse sacudir os nervos dos cenaculoides embotados. O Candido puxava mais uma historia dos seus famosos tios; o Tito lançava á mesa um trocadilho nojento. Ricardo não tirava os olhos de moscas invisiveis; o Albino bocejava. Só a força do habito nos arrastava áquela mesinha para mais noites de tédio em comum. Nem o Raul tinha animo de vir com “uma do Eça” \_ e Lino, o irascivel, desertara. Pois bem: o Nogueira aparece lá uma destas noites e tudo se transforma. Trava-se logo violentissima e intermina discussão em que saiu tudo, desde o Jeová biblico até o Macuco. Choque eletrico! Todos nos lançamos contra o Nogueira, todos nos acotovelamos para “lapidar” o Nogueira! Até o Lino emergiu da rua Quinze em garoa e veio berrar. O Candido zumbia como mamangava. O Albino gania, Tito zurrava. Pandemonio puro. *Té*, Nogueira!

LOBATO